



O BRASIL DIMENSIONADO PELO FUTEBOL

Agnaldo Kupper^o

RESUMO

Arrisco afirmar que a vida humana ocidental contemporânea aparenta partidas de futebol: embates, tempo medido, lutas pela titularidade e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, disputas, discussões de teses, improvisos, presença de regras e transgressões, práticas de alienação, simbologias de socialização, teatralização da vida social, encenações abstratas de guerra, entre outros.

A Copa do Mundo passou a determinar os olhares de e sobre o povo brasileiro, especialmente a partir de 1938, quando o projeto de inculcar a visão de nação sobre o Brasil passou a ser colocado em prática por Getúlio Vargas. Paulatinamente, o futebol tornou-se a expressão da condição mental do brasileiro, refletindo o momento social, político, econômico e histórico vivido por ocasião da realização do torneio, reunindo múltiplos significados: jogo, ritual, entretenimento, espetáculo, diversão, paixão, congregação.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; Copas; cenários.

SUMMARY

I dare say that the contemporary Western human life appears to football matches: clashes, measured time, struggles for ownership and acceptance, twisted acting as political parties, warnings, disputes, theses discussions, improvisations, presence of rules and transgressions, disposal practices, symbologies socialization, dramatization of social life, abstract scenarios of war, among others.

The World Cup started to determine the looks and the Brazilian people, especially from 1938, when the project to instill the nation's vision of Brazil started to be put in place by Getulio Vargas. Gradually, football has become the expression of mental Brazilian condition, reflecting the social moment, political, economic and historical lived at the completion of the tournament, bringing together multiple meanings: play, ritual, entertainment, spectacle, fun, passion, congregation.

KEYWORDS: football; Cups; scenarios.

De esporte de elite a prática popular

O tema *futebol* não recebe, por parte da grande maioria dos historiadores e acadêmicos, atenção. Muitos o veem como algo menor. Talvez pelos preconceitos criados a partir da visão de anarquistas, anarcosindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um adversário à causa operária. Talvez por ter sido utilizado como veículo para a

^o Professor de cursos de graduação, pós-graduação e pré-vestibulares; escritor; mestre na área de História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis; doutorando na área de História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis.



popularização de governos brasileiros - especialmente no período militar (1964-1985) - mais especificamente por ocasião da conquista do tricampeonato mundial de 1970 por parte da seleção brasileira.

Desprezar o tema, no entanto, é rejeitar o cotidiano, o lúdico, o sentimento que permeia gerações.

Nascido na Inglaterra industrial dos 1860, o futebol tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas em todo o planeta, embora territórios que se associaram forçadamente ao império britânico tenham resistido ao esporte, caso da África do Sul, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia (da mesma forma no mundo islâmico, onde o futebol passou a ser apreciado e desenvolveu-se apenas a partir da década de 1970, depois que o símbolo do imperialismo deixou de ser o inglês para ser o norte-americano). Resistências...

Fato é que, edificado e mantido elitista desde seu aparecimento em solo tupiniquim, na década de 1920 o fenômeno futebol passou a contaminar jogadores, torcedores, dirigentes, jornalistas e treinadores, ao ponto de passar a representar todo um povo, seja em ações cotidianas, seja como forma de periodizar sua história.

A prática enraizou-se violentamente na alma do povo brasileiro ao ponto de um indivíduo ganhar paixão pelo seu time, trajando-se como se fizesse parte do elenco de seu clube de coração, zombando do derrotado e ver afetado seu humor a partir de uma derrota ou de uma vitória.

Ninguém acompanha futebol apenas para ver seu time triunfar. O faz, mesmo sem clara noção e intenção, para aprender a viver melhor e para compartilhar coisas boas e ruins, em um exercício que pode nos fazer entender que não se pode controlar tudo que transcorre na vida. O torcedor ardoroso equilibrado, após um revés de seu time, aprende a aceitar fracassos pessoais, o que certamente o faz lidar melhor com a vitória, entendendo que tanto o triunfo quanto a derrota pode ser passageira.

Vivemos sem termos a certeza das razões e, de forma bem similar, torcemos para um clube, seja de bairro ou profissional, sem exigir, em normalidade, nada em troca.



Ao nos engajarmos em uma torcida, percebemos que não estamos sós (talvez menos sós) e que cada uma possui suas peculiaridades: cantos, gritos de guerra, manifestações. E como aprendemos a nos comportar junto aos nossos companheiros de conquistas e derrotas? Nascemos com isto? A resposta, logicamente, é não.

De qualquer forma, creio, sobretudo, que o futebol suaviza e conforta.

A análise historiográfica dá-nos pistas de que a trajetória da popularização do futebol no Brasil pode nos fazer entender a relação entre o mesmo e as ações políticas, especificamente o interesse de se entender qual o uso que o sistema político brasileiro fez do futebol. Isto não significa que se almeja reduzir a prática do futebol a esta questão. Não há dúvidas, no entanto, que futebol e ideologia estão relacionados.

Foi no século XVIII, com a consolidação da Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia britânica interessava reformular a educação então dominante na região. O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação.

Desta forma, clubes ingleses, associados ao processo industrial, foram sendo estruturados a partir de empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal). Não é a toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses, caso do Banfield, Newell's Old Boys, River Plate (Argentina), Sport Club Corinthians, River, Tranways (Brasil), Everton, Green Cross (Chile), The Strongest (Bolívia), isto para ficarmos na América do Sul.

Ao contrário do basquete, do vôlei, do futebol de salão e de tantas outras modalidades, o futebol de campo é praticado ao ar livre (embora atualmente existam arenas climatizadas e protegidas das imprevisões da natureza, caso do Atlético Paranaense), exposto à natureza, mantendo sua origem rural. Certamente porque a Revolução Industrial Inglesa baseou-se em um capitalismo agrário, em uma transição rápida, mas que não quis perder seu limiar. Para Verdú, (VERDÚ, 1980, p.120) o vôlei, o handbol e o futsal são esportes



“transportados da intempérie para a proteção do ginásio, como uma réplica da produção industrial que cobre o mundo agropecuário (viveiros, estábulos, granjas)”.

Berço da produção industrial, o futebol significa trabalho em equipe, diferenciando a fábrica moderna da produção familiar artesanal. Pelo menos nas primeiras fases revolucionárias industriais, um jogador de futebol, assim como um trabalhador, possuía funções específicas relacionadas ao time em que atuava (ou fábrica, caso do operário), devendo, assim, especializar-se em uma posição dentro da linha de montagem. Falo isto pois, com o toyotismo, passou-se a exigir do trabalhador polivalência, assim como o futebol pós-moderno passou a esperar do jogador o cumprimento de funções diversas.

João Boaventura (BOAVENTURA, s/d, p.9) aponta quatro elementos do taylorismo presentes na prática futebolística: velocidade, especialização de habilidades, cronometragem e trabalho em equipe. Os gols seriam os produtos e os espectadores os consumidores.

Tal qual uma fábrica que exige disciplina do trabalhador, do jogador de futebol também se espera que siga as instruções de um treinador, caso este não queira correr o risco de perder seu posto de trabalho, sempre provisório.

A duração de uma partida de futebol não depende de uma contagem de pontos (caso do vôlei e do tênis), mas do cronômetro, caso da fábrica.

As últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialistas.

Há pouco mais de cem anos o futebol é praticado de forma proliferada no Brasil. Há indícios de que partidas do esporte foram disputadas durante o II Reinado (1840-1889) e é fato que as primeiras menções ao futebol em nosso país foram feitas no século anterior (os anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo atestam para a proibição do jogo da bola, pois o considerava provocador de agrupamentos de vadios e desordeiros). Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações pouco precisas dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas se enfrentavam em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio.



O futebol association foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), embora parem dúvidas a respeito; os gaúchos, por exemplo, afirmam que o futebol teria sido introduzido no país por Sir Artur Lawson (CUNHA, 1994,p.1). A historiografia assinala a data de 14 de Abril de 1895 para a realização do primeiro confronto oficial de futebol do país. Três anos após, especificamente em 1898, o Brasil assistiu à criação do primeiro clube destinado à prática: a Associação Atlética Mackenzie College (SP).

Para Franco Júnior (FRANCO JR., 1997, p.27) atribuir a introdução do futebol no Brasil a Charles Miller é querer privilegiar as elites como protagonistas da história brasileira.

Mário Filho (FILHO, 1997, p. 49) periodiza desta forma o futebol brasileiro: da introdução da prática no país, até 1910, um jogo de elite; de 1911 a 1930, a aproximação de outras camadas sociais ao esporte, excetuando-se a participação de negros e pobres que procuravam se envolver com as pelepas; a partir dos primeiros anos da década de 1930, a efetivação dos negros nos campos da prática futebolística (no que intitulou de “ascensão social do negro”). Observo, no entanto, que à periodização de Mário Filho os operários deveriam ter sido notados com mais atenção.

Nos primeiros anos do século XX, o caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas (SEVCENKO, 1992, p. 70). No Brasil, o regulamento dos primeiros torneios de futebol previa que apenas jogadores alfabetizados não realizadores de trabalhos braçais poderiam atuar.

Em unidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol, paulatinamente, foi construindo a “*marca do jogo da higiene e da saúde*” (PEREIRA, 2000, p.52). Porém, muito antes de se disseminar pelas fábricas e esquinas das principais cidades do Estado de São Paulo (e, quiçá, do Brasil), o futebol espalhou-se pelos ambientes escolares ingleses, em especial devido à intensa urbanização da segunda metade do século XIX.

Segundo José Miguel Wisnik, no Brasil o futebol pode ser visto como “*fundado em inaceitáveis mecanismos de compensação por tudo o que o país não realiza, compensação tomada como satisfatória em si mesma*” (WISNIK,2008, p. 402).

A estruturação do futebol como febre entre os brasileiros durante as duas primeiras décadas do século XX, trouxe, na década seguinte, a absorção da prática como um dos itens que poderiam constituir no país seu nacionalismo.



O impulso dado ao futebol para tornar-se mania nacional veio da disputa, em maio de 1919, do campeonato sul-americano de futebol no Rio de Janeiro, então capital do país. A realização do torneio em solo brasileiro marcou, segundo alguns estudiosos, o início do futebol como símbolo da identidade nacional. O local que abrigou o campeonato foi o estádio do Fluminense, quando cerca de vinte e cinco mil pessoas prestigiaram o evento¹. O Brasil chegou à final contra o Uruguai. Empate no primeiro jogo. No dia do derradeiro embate, foi decretado ponto facultativo na cidade para funcionários públicos. Bancos fecharam. O comércio fechou as portas às doze horas². O Brasil venceu apenas na prorrogação com um gol de Friedenreich.

Nos anos 1920, difícil apontar uma indústria da capital paulista que não tivesse um time ou um clube de futebol. Isto porque a classe empresarial teria passado a ver na proliferação do esporte uma forma de promoção da empresa (ideia de empresa vencedora), de propaganda de seus produtos, de manutenção de certo grau de controle e de disciplina sobre o tempo livre dos trabalhadores, além de passar a imagem de instituição preocupada com o fortalecimento físico e com o divertimento de seus trabalhadores.

Futebol e imaginário

O pensador polonês Bronislaw Baczko (BACZKO, 1984) destaca o imaginário social como uma forma do indivíduo organizar e ajustar um mundo às suas necessidades e aos seus conflitos pessoais com o mundo vivido. Ou seja, o imaginário social compõe-se de referências que elaboram uma identidade, estipulando papéis e posições sociais, edificando códigos de comportamento, salientando que narrativas míticas podem ser utilizadas como forma de se obter coesão social, legitimando as hierarquizações sociais. É através das imagens criadas de si, em uma determinada época, que uma sociedade manifesta suas intenções e o seu lugar em um contexto histórico. José d'Assunção Barros (BARROS, 2009, p. 91) indica ser o imaginário um sistema que engloba o cotidiano dos indivíduos, fazendo com que estes atribuam valor a algo que se transforma em concreto. Maria de Fátima Santos (SANTOS, 2005, p. 48), por sua vez, indica que o imaginário social constitui-se como um sistema de símbolos edificados através das *“vivências, objetivos e metas dos indivíduos”*, apontando-o como um importante instrumento de poder.

¹ Segundo relatórios da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro

² O Imparcial, 11, 17 e 28 de maio de 1919 e O Paiz, 29 de maio de 1919



Desta maneira, o imaginário social funciona como um mecanismo que regula a vida social, funcionando também como um eficiente controle de uma coletividade e uma legitimação do poder dos indivíduos.

Na atualidade, quando vemos noticiadas brigas entre torcedores de clubes de futebol rivais, ou que fanáticos procuram agredir atletas que não correspondem às expectativas nos times que defendem, ou que trens foram destruídos após uma partida de bola por torcedores derrotados, chego a questionar: “por que o povo brasileiro parece ter sido educado para achar que seus problemas resumem-se ao futebol?”. Talvez a pergunta deva ser colocada de forma diferente: “por que o futebol traz revoltas e o desemprego, a violência, a triste condição da educação ou da previdência, a fome, a opressão, nem tanto?”. Difícil responder sem que haja um aprofundamento na questão. O fato é que (no Brasil em especial) uma derrota do time pelo qual se torce, abala tanto ou mais do que a notícia de um ataque terrorista em Paris, Madri, Nova Iorque ou Moscou. Sofre-se mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância. No Brasil, um esporte tão apaixonante que até num funeral, a bandeira do clube do coração do falecido aparece como decoração e acompanhamento, normalmente seguida da bandeira da escola de samba, do partido político e, quem sabe, do país.

Talvez Wisnik (WISNIK, 2008, p. 11) tenha razão ao afirmar *que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”*.

Para aqueles que consideram o assunto futebol algo menor, acreditando existirem temas mais importantes, mais relevantes, mais salientes, uma boa desculpa para o distanciamento e soberba. Porém, acredito que o futebol (por ser um daqueles seduzidos pela prática) representa a vida: real, por vezes dramática, misteriosa e, por vezes, interessantemente alienante.

Futebol se vive, se consome e se pratica. E se sonha. Afinal, qual amante do jogo da bola nunca viveu, reviveu e imaginou jogadas pessoais espetaculares? Talvez por isso, no mundo contemporâneo, um espectador veja, reveja e veja de novo uma mesma jogada de efeito, um mesmo gol, um lance interessante ou bizarro (no sentido de esquisitice). Algo incompreensível para os distantes das pelepas. Um chapéu, um drible, uma ginga, podem valer mais que um gol, já que para o futebol não basta atingir a meta, mas os meios de se obtê-la.



Para muitos, é tolice ver um sujeito saber a escalação de seu time, em determinada época, em determinada situação, em determinado campeonato. Para muitos também aparenta bobagem a lembrança de determinada jogada. Para muitos parece idiotice saber um hino de um clube de futebol de cor. Para muitos soa tolo o endeusamento de imortais como Lara, eterno herói-goleiro do Grêmio de Porto Alegre. Mas para o apreciador de futebol, não.

Fala-se, no Brasil, o “futebolês”. Para uma conversa informal “bate-bola”; para esquecer os problemas, “bola pra frente”; para arriscar um palpite, “um chute”; para deixar algo de lado, “chutar para o alto” ou “botar para escanteio”; para se insinuar, “dar bola”; para livrar-se, “dar um cartão velho”; para resolver uma situação difícil, “tirar de letra”, entre tantos outros jargões .

Na falta de algum assunto, o futebol preenche vazios (desde que os interlocutores apreciem o esporte). Nas conversas, nenhuma conclusão, tal qual uma mesa-redonda de televisão ou rádio.

Na condição de elemento central da cultura brasileira, o futebol marca a paisagem urbana, seja de uma grande ou de uma pequena cidade. Tal qual uma igreja, um estádio, acanhado ou monumental, tem marcante centralidade funcional e simbólica, além de se apropriar de espaços públicos como ruas, praças e praias.

E por que a bola atrai tanto? Talvez por ser perfeita em todos os lados, por não possuir rosto, por poder rolar infinitamente pelo mundo, não observando fronteiras. Esta mesma bola – elemento de desejo do praticante de futebol – que seguiu os caminhos evolutivos capitalistas, midiáticos e evolutivos, combinando a história social e econômica da prática futebolística: saiu-se de uma condição agrária para uma condição industrial, atestando a evolução contemporânea. Bola: símbolo do poder e o meio único de se chegar ao fim, usada pela publicidade como objeto do inconsciente humano, fisgando o desejo dos indivíduos para a felicidade de quem dela se apodera como meio publicitário (vide cervejarias da vida). Fato é que a bola como símbolo do futebol reflete uma forma do brasileiro se mostrar grandioso, sem perder o espírito infantil, fazendo desse brinquedo um instrumento de busca de respeito e afirmação.

Pois o Brasil digeriu o "foot-ball", roubando-o dos ingleses. Foi graças a ele que, de reconhecido sentimento de inferioridade, ganhamos certa autoestima. Até mesmo negros e



mestiços passaram a ser (mesmo que não completamente) aceitos e reconhecidos através do “jogo da bola”.

Futebol é um rito, inclusive religioso. Qual goleiro não faz suas preces? Qual jogador não possui suas manias e superstições? Difícil não achá-los. Basta que se verifique a entrada em campo com o pé direito seguido de um sinal da cruz, os louvores aos céus por ocasião de um gol, uma imagem santa nos vestiários. Assim como na vida, tão insegura e tão repleta de mistérios.

O campo é o espaço da guerra e a bola a presa desejada pelos grupos oponentes, como numa caça esportiva (não me estranha ter o futebol sido inventado pelos ingleses), onde cada bando *“tenta impedir a morte simbólica de sua presa e matar a presa do outro bando”* (FRANCO JR, op cit, p. 195). O futebol moderno inventado pelos ingleses no XIX separou o jogo do rito que marcava uma disputa entre pré-colombianos e aborígenes. E deve ter sido visto por operários ingleses e brasileiros como a possibilidade de reparação das injustiças, uma vez que no campo econômico isto parecia impossível. Como uma compensação de injustiças e simbologia da aceitação: negros, brancos, franzinos, baixinhos, altos, pesados: tudo vale na composição do time. O próprio fato de se jogar com os pés (exceção ao goleiro) pode simbolizar a dificuldade do controle. O próprio fato de se introduzir uma arbitragem (1881) e um apito (1888), representou uma forma de regulamentar as ações e o tempo, atuação próxima do Estado, que frustra a realidade como que contendo o lucro a todo custo e renovando o jogo ao atuar no sentido de revitalizar a produção e limitando a imediatez do prazer. O árbitro deve atuar em prol da produção: cera, desperdício e poupança são ações próprias do homem no processo produtivo, o que é refletido no futebol, diferentemente de esportes com o vôlei e o basquete, onde o tempo e as ações são medidas com rigor, próprio de uma vida essencialmente urbana.

O futebol as assemelha às guerras ritualísticas de povos tradicionais. São disputas agonísticas, em que o importante é sobrepujar o adversário sem causar mortes. Os cantos, as bandeiras e a percussão da torcida fazem parte do ritual do jogo. Expressões utilizadas no meio deste esporte tais como “tiro-de-meta”, “canhão”, “ bomba”, “ataque”, “defesa”, “artilheiro”, entre outros, são comuns e fazem parte de seu vocabulário (não espanta as táticas do jogo do bolapé evoluírem de acordo com as disposições de tropas no terreno em que elas devem combater, o que pode ser observado em lutas pela descolonização da Argélia



e Congo na segunda metade do século XX). Uma visão nacionalista, em que se ataca o inimigo querendo vê-lo em seu campo ou mesmo a conquista do campo adversário, como em uma guerra.

Futebol se joga como se guerreia: com as armas que se possui, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se possui. O futebol está vinculado ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força e da estratégia. Um exemplo que se pode apontar viria da seleção holandesa de futebol na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha: um time articulado para não guardar posição e preencher os espaços do campo do jogo, esquema que pode ter sido montado a partir das características naturais do país, com um território pequeno e constituído de regiões planas e forte presença do mar, densamente povoado. Ou seja, vira-se como pode.

Uma Copa do Mundo seria o encontro dessas armas. O Brasil, próprio do “jeitinho” característico e marcado pela necessidade de improvisações para a sobrevivência do indivíduo, improvisa e cria formas para burlar espaços e inferioridades.

Michel Houellebecq, escritor francês, afirma que o futebol seria a saída “para as frustrações ligadas ao desaparecimento das guerras e arte para as frustrações ligadas ao surgimento da democracia”³. No último caso, Houellebecq refere-se a Tocqueville, que identificou ser a democracia um regime em que é possível transformar uma sociedade em um rebanho obediente e uniforme entre si e com apenas duas preocupações: prazer e saúde.

Talvez o grande atrativo para os admiradores do esporte seja o fato de que o pequeno pode vencer, diferentemente de outros esportes coletivos.

Só mesmo o futebol é capaz de unir pobres e ricos, capitalistas e comunistas, muçulmanos e judeus, além de inverter a ordem de importância do mundo (num encontro futebolístico, uma potência bélica e econômica pode se sentir inferior que um país sul-americano ou africano, afinal o arsenal é o mesmo para os dois, excluindo-se aí a participação da torcida, normalmente um fator de peso no desenvolvimento de um embate). Da mesma forma que une, o futebol proporciona a cristalização de rivalidades (KFOER, 2005, p. 43): protestantes e católicos na Escócia (vide Rangers x Celtic), resistência catalã na Espanha

³ Michel Houellebeck. “O soldado de Tocqueville”. Folha de S. Paulo, Caderno Mais!, 03 de fevereiro de 2008, p. 10



(Barcelona x Real Madrid), maragatos e federalistas no Rio Grande do Sul (Internacional x Grêmio).

Num mundo globalizado como o atual, só mesmo o futebol pode identificar estilos regionais: o brasileiro, o alemão, o argentino, o holandês, o marfinense. Paolo Pasolini apontou-nos que *“na Europa se joga em prosa; já o futebol sul-americano, e em particular, o brasileiro, se joga como poesia”*⁴.

Em países apaixonados pelo futebol, escolher um time para torcer é uma tarefa das mais difíceis, até porque a decisão será para toda a vida. Afinal, pode-se trocar de família, de profissão, de uma visão de vida, porém a escolha para um time do coração é para a vida toda.

Walter Benjamin (BENJAMIN, s/d, p. 100) sugere que o futebol seja um jogo constituído de uma porção masculina e outra feminina. O ataque seria representado pelo caçador (centroavante); a defesa, pelo goleiro, responsável pela proteção ao espaço que não pode ser penetrado, violado. Seguindo seu raciocínio, um goleiro que coloque uma partida a perder - tal qual uma virgem deflorada em uma sociedade mais conservadora - pode ser execrado, tal como aconteceu com o goleiro Barbosa na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final em uma Maracanã abarrotado a partir de uma suposta indefinição sua.

Caso desejemos aprofundar ainda mais a tese de Benjamin, até a década de 1970 o goleiro atuava basicamente como um guardião da meta; com o avanço social do feminino - em especial a partir dos anos 80 do século passado - o guarda-metas passou a sair jogando, a participar plenamente do jogo, como líbero e até mesmo batendo faltas ou penalidades máximas. Até sua vestimenta abandonou o cinza ou o preto e coloriu-se, indo do rosa ao amarelo “marca-texto”⁵.

Tal qual uma relação sexual, quando se envolve, se excita, se goza. Um gol!

De acordo com a narrativa construída em torno do imaginário social que engloba o futebol, a espontaneidade, a criatividade, o improviso e a “malandragem” do jogador brasileiro, diferencia a prática no Brasil dos países europeus, constituindo a “ginga” nacional um importante fator e elemento de identidade nacional.

⁴ Pier Paolo Pasolini, “Il calcio è un linguaggio con i suoi sporti e prosatori”. Il Giorno, 3 de janeiro 1971

⁵ Indico o curta-metragem de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado: *Barbosa*. Barbosa foi o goleiro brasileiro na derrota da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Tal qual “uma virgem deflorada” expulsa de casa, Barbosa foi considerado culpado pela derrota que chocou o país.



“Porco”, “favelado”, “burguês”. Traduzindo: Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube. O futebol se remete ao espectro social, às origens dos clubes. A luta, o estigma, a boa vida, são registrados sem grandes valores práticos, como uma ofensa às origens, mas que se resolve no jogo, na guerra, em que cada grupo procura se afirmar e reafirmar sobre o outro através da vitória. Se assim, a condição nos remete ao imaginário ao se procurar superar diferenças sociais e reafirmar visões de mundo.

Momentos da Copa, espelhos do Brasil

Desejando-se ou não, fato é que enquanto em outros países a História é dividida por grandes e marcantes acontecimentos, no Brasil mede-se a história recente pelas Copas do Mundo já que através delas, nos encontramos com o espírito tolo de nação.

Jules Rimet, presidente da FIFA, articulou a realização da primeira Copa do Mundo de Futebol em 1930. A sede do evento foi o Uruguai. Trezes países foram representados. O Brasil caiu na fase de grupos com apenas dois pontos somados, vencendo uma partida e perdendo outra. No geral, o país ficou em sexto lugar. O futebol no país estava popularizado, praticado em cunho regional.

A segunda Copa foi realizada na Itália, entre os dias 24 de maio e 10 de Junho de 1934. A vencedora foi a Itália, com o Brasil terminando em décimo-terceiro lugar. O país ainda não apontava para uma política de uso do esporte como triunfo de unidade nacional. Porém, fazê-lo, era uma questão de tempo.

Ao final de 1937, foi iniciada a ditadura pessoal de Getúlio Vargas em uma forma de organização política denominada de *Estado Novo* e que se estendeu até 1945. O regime do Estado Novo não possuía uma ideologia definida em sua fundamentação. Porém, o aparelho burocrático foi modernizado, fazendo surgir órgãos como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), cuja função foi de construir a imagem pública do governo, utilizando modernos veículos de comunicação tais como rádio, filmes e imprensa escrita. O futebol passou a ser uma aposta de Vargas para a popularização de seu regime, tanto que houve investimento estatal na participação brasileira na terceira Copa do Mundo, realizada na França, quando novamente a Itália foi campeã, com o Brasil terminando em terceiro lugar após cinco jogos (três vitórias, um empate e uma derrota). Nesta edição, o brasileiro Leônidas da Silva (conhecido como “Diamante Negro”) tornou-se o maior goleador, com sete gols. O sucesso



brasileiro no evento acompanhou o cenário do país: modernização econômica, desenvolvimento tecnológico e consolidação do Estado, refletindo a ideologia estado-novista.

Devido à II Guerra Mundial (1939-1945), não foram organizadas as Copas de 1942 e 1946. Porém, entre 23 de junho e 16 de julho de 1950, foi realizada a quarta Copa do Mundo de Futebol. Sede: Brasil, já que não houve qualquer intenção de a mesma ser realizada na Europa, até porque o velho continente ainda se ressentia dos efeitos da II Grande Guerra. Para a realização do certame mundial, o Brasil ergueu o Estádio do Maracanã (nome de um riacho canalizado), cuja denominação oficial mantém-se atualmente como Estádio Mário Filho. Participaram da fase final do evento treze seleções. O artilheiro (goleador) foi o brasileiro Ademir Menezes, com nove gols. Porém, o Brasil perdeu a final para o Uruguai por 2 x 1, gerando comoção nacional em um Maracanã lotado e atônito. O cenário político e econômico brasileiro demonstrou bem a tragédia da derrota: um país contraditório, envolvido em uma sedimentação de política repressiva em relação aos sindicatos de trabalhadores e ao Partido Comunista, apesar de estabelecer-se em uma Constituição democrática (1946), e em uma política liberal de importação que dilapidou divisas acumuladas pelo país durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), gerando estagnação industrial, aceleração da inflação e o fracasso do chamado *Plano Salte*.

A quinta Copa foi realizada na Suíça, entre 16 de junho e 4 de julho de 1954. Seleção campeã: Alemanha. O Brasil ficou em sexto lugar, com uma campanha considerada pífia para quem vinha de um vice-campeonato, próprio do cenário brasileiro de então: um novo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), retorno à política nacional-desenvolvimentista centrada no intervencionismo estatal, conflito com o capital estrangeiro, apelos populistas do presidente Vargas em rota de choque com as Forças Armadas, iminência de golpe de Estado e isolamento do presidente (que culminou, em agosto de 1954, com o suicídio de Vargas).

Na Suécia, a VI Copa, realizada entre 8 e 29 de junho de 1958. Brasil campeão, Suécia, vice. Nomes como Gilmar, Djalma Santos, Zito, Garrincha e Pelé foram projetados, em um cenário brasileiro representado por Juscelino Kubitschek: um presidente conciliador, risonho e simpático que venceu as invertidas contra sua posse e empreendeu a arrancada desenvolvimentista do país, em um governo JK que promoveu a indústria automobilística, a construção de Brasília, a ampliação das malhas rodoviária, ferroviária e hidroviária, em uma euforia nacional que não permitiu a visualização do avanço inflacionário e das diferenças regionais, além do descontrole do déficit público.



A VII edição da Copa de Futebol foi no Chile, entre 30 de maio e 17 de junho de 1962. Brasil novamente campeão (bicampeão) com cinco vitórias e uma derrota (como ocorrera na Suécia). Cenário brasileiro: assim como Pelé desfalcou a equipe no mundial, o Brasil também se viu desfalcado de Jânio Quadros, cujo governo resumiu-se a oito meses de iniciativas políticas e econômicas contraditórias que levaram o presidente ao isolamento e à renúncia. Com a crise estabelecida, golpistas entraram em ação. Ousaram mas não conseguiram devido à divisão nas Forças Armadas e à reação popular. Assim como a seleção brasileira de futebol, o Brasil improvisou: adotou o parlamentarismo (de 7 de setembro de 1961 a janeiro de 1963). O país vivia momentos de forte apelo social e de esperanças de implantações de políticas sociais concretas, tendo a seleção de futebol como modelo das transformações imaginadas.

Na Inglaterra foi realizada a VIII Copa do Mundo de Futebol. O evento foi aberto em 11 de julho de 1966 no Estádio de Wembley. Vitória do país-sede, com o Brasil desclassificado nas oitavas de final e chegando em décimo-primeiro lugar entre os dezesseis concorrentes finais. Campanha desastrosa para um bicampeão. O país vivia embates político-ideológicos. A violência dos golpistas de 1964 não atingiu apenas o campo jurídico-institucional. O ano de 1966 pode ser observado também no cotidiano dos cidadãos brasileiros: prisões, tortura, exílio, banimento, assassinatos. A péssima campanha da seleção brasileira na Copa de 1966 teria sido um reflexo da conjuntura nacional incerta.

Entre 31 de maio e 21 de junho de 1970, a IX Copa do Mundo. Palco: México. Vitória do Brasil, que obteve seu terceiro título e, conseqüentemente, a posse definitiva da taça “Jules Rimet”. O cenário brasileiro mostrava-se adequado ao momento: o governo em mãos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), com o regime militar atingindo o auge da violação dos direitos civis e humanos (censura prévia aos meios de comunicação de massa, prisões, torturas, banimentos, cassações, exílio, assassinatos, aposentadorias forçadas), porém com o desenvolvimento do chamado “milagre brasileiro”, quando os indicadores econômicos atingiram cifras elevadas. Na esteira do “milagre”, a propaganda ufanista do regime militar que fez nascer a Embraer e a Embrafilme, inaugurou o DDD (interligando o país com dezoito outros por telefone) e articulou grandes obras foram como a Transamazônica, ponte Rio-Niterói e a usina do Itaipu. Ufanismo, arsenal publicitário de tradição fascista, entusiasmo, euforia. O tricampeonato foi uma aposta militar. Com êxito.

A X Copa foi realizada na Alemanha em 1974. O Brasil fechou em quarto lugar, com participação pouco empolgante para um tricampeão. A vitória foi alemã, com destaque ao



famoso “carrossel holandês” liderado por Cruyff. A situação interna e externa brasileira não permitia que se mantivesse o entusiasmo econômico desenhado por Médici: dívida externa elevada, inflação abusiva, poder aquisitivo da massa trabalhadora comprometido, retração do consumo de bens duráveis, aumento dos juros, descontentamento empresarial, ampliação do espaço da oposição, promessas de abertura política, tensão no sistema, fim do “milagre econômico”. A seleção refletiu o momento.

Em 1978, finalmente uma Copa na Argentina, já que a mesma pleiteava ser sede do evento desde 1934. E acolheu o torneio no auge de sua crise interna. Vitória do país-sede. Brasil, terceiro colocado, apresentando um futebol pouco convincente, embora tenha saído invicto da competição. Cenário brasileiro: setores mais comprometidos com a repressão se insurgiram contra o projeto de abertura política, imposição do presidente Ernesto Geisel (1974-1979) de controle ao conjunto dos organismos militares, avanço oposicionista do MDB, recrudescimento de ações dos militares nos aparelhos de repressão, alta inflacionária, elevação assustadora da dívida externa brasileira, greves de trabalhadores que desafiavam a política de arrocho praticada pelo governo e substituição do AI 5 pelas “salvaguardas constitucionais”, assegurando ao presidente, em casos de graves perturbações da ordem, decretar o estado de emergência, suspensões de garantias individuais e delegação de poderes excepcionais às Forças Armadas. Um país tenso, como a seleção de futebol.

Em 1982, Copa na Espanha, realizada entre 13 de junho e 11 de julho. A seleção italiana chegou ao tricampeonato. Paolo Rossi foi considerado o craque do torneio após destacar-se sobre o Brasil em uma vitória épica (3x2), quando o empate bastava para a equipe brasileira (“Tragédia do Sarriá”). O Brasil era liderado pelo técnico Telê Santana e apresentou jogadores como Sócrates e Falcão. A eliminação brasileira é até hoje considerada um desastre, pouco assimilada até os dias atuais. Cenário brasileiro: consolidação do processo de distensão política, num momento em que a crise social revelava o total desgaste do modelo econômico implantado a partir de 1964. Diante de uma sociedade que exigia o restabelecimento pleno das liberdades democráticas e a eleição direta para presidente, o regime autoritário agonizava, mostrando-se incapaz de sobreviver. O país percebia que o processo democrático – apesar de algumas tentativas de minar o caminho – não possuía retorno. A seleção de Telê teria traduzido o momento vivido pelo país.

Em 1986, México. No cenário em que Pelé se consagrou para o tri, o argentino Maradona foi o grande destaque, levando sua seleção à vitória na final sobre a Alemanha: 3x2.



O destaque foi a rivalidade que marcou a partida entre a Argentina e a Inglaterra devido à Guerra das Malvinas (1982), com vitória argentina por 2x1 (com gol de mão de Maradona). O Brasil apresentou novamente uma seleção repleta de craques, mas foi eliminada pela França na cobrança de penalidades máximas. Novamente, a frustração, que se fez acompanhada do descontentamento popular com a continuidade do autoritarismo, já que, ao derrotar a emenda Dante de Oliveira (*Diretas Já*), em 1984, o Congresso conservador contribuiu para acelerar a volta do país à plenitude democrática, com a desagregação das forças políticas que deram sustentação à ditadura. Embora a eleição de Tancredo Neves tenha sido sedimentada sobre uma aliança de políticos dispostos a manter intocáveis os privilégios secularmente dominantes no país, tornava-se cada vez mais necessário a remoção do “entulho autoritário”, acumulado ao longo de vinte anos de regime de exceção. Ao assumir a presidência da República em abril de 1984, José Sarney (ex-presidente do PDS e íntimo colaborador do regime militar) encontrou um país em grave situação econômica. Porém, durante a Copa, o Plano Cruzado já mostrava inconsistência. Ao final de 1986, o plano malogrou após sinais de iminente colapso. Exatamente como a seleção fizera em meados daquele ano.

Em 1990, na Itália, a Alemanha conseguiu chegar ao seu terceiro título. O técnico brasileiro foi Sebastião Lazaroni e a campanha foi considerada muito ruim, já que o Brasil, sem grandes craques, sucumbiu nas oitavas de final em um Mundial que ficou marcado por times retrancados e futebol de poucas novidades e ruim. A participação brasileira evidenciou bem o momento do país: após o fracasso de planos econômicos (Cruzado, Bresser e Verão), manobras continuístas, aprofundamento da crise econômica e descontrole inflacionário, as eleições diretas para presidente foram restabelecidas, sendo eleito Fernando Collor e sua postura autoritária e imperial. Collor iniciou seu governo em janeiro de 1990 prometendo liquidar “*com o tigre da inflação com um só tiro*”. O país dava seus primeiros passos nos caminhos neoliberais.

Em 1994, o mundial foi disputado nos EUA. Um selecionado brasileiro definitivamente pragmático (próprio dos princípios neoliberais) do técnico Carlos Alberto Parreira, liderado por Bebeto e Romário e que teve como destaque o futebol voluntarioso e de pouca criatividade de Dunga e Mauro Silva. O Brasil venceu e chegou ao tetracampeonato, num momento em que o governo Itamar Franco (a partir de 1992), que se seguiu ao de Collor, mudou de estilo. Na essência, porém, continuou com o mesmo credo neoliberal de desmonte do Estado brasileiro. O ritmo das privatizações foi reduzido, assim como a liberalização das



importações e a desregulamentação da economia, porém mantidos. No dia primeiro de agosto de 1993 foi instituído o cruzeiro real, equivalente a 1.000 cruzeiros, dando início à implementação do Plano Real (Plano FHC). Contando com uma intensa campanha favorável nos meios de comunicação de massa, o plano foi finalmente implantado em primeiro de julho de 1994, contando com amplo apoio popular.

Em 1998, o Mundial teve como palco a França. A anfitriã bateu a seleção brasileira na final por 3x0, quando os brasileiros entraram apáticos em campo, mais preocupados com a condição física de seu principal jogador, “Ronaldo Fenômeno”, que, horas antes da decisão, sofreu uma convulsão num quarto do hotel em que estava hospedado. Cenário brasileiro: com o Plano Real, uma série de reformas com o objetivo de diminuir a participação do Estado na economia e, conseqüentemente, redução do déficit público. Uma onda de privatizações transferia para o setor privado diversas empresas estatais de setores considerados estratégicos à época do regime populista e ditatorial, tais como siderurgia, eletricidade e telecomunicações. A estabilidade econômica fora atingida, a aproximação brasileira em relação aos mercados mundiais, notória. Por outro lado, o caráter recessivo do plano gerava uma queda acentuada nas exportações brasileiras em relação ao volume de importações, o déficit na balança de pagamentos batia um recorde histórico e o nível de desemprego atingia índices alarmantes. O Brasil alternava esperanças e incertezas, entre a busca da saúde e espasmos doentios.

Em 2002, a Copa foi dividida entre Coréia do Sul e Japão. Após o considerado fracasso de 1998 (principalmente pelos 3x0 da final contra a França), o time de Luiz Felipe Scolari venceu o torneio com sete vitórias em sete jogos. Na final, bateu a Alemanha por 2x0, com Ronaldo voltando a ser o centro das atenções. O Brasil vivia uma crise econômica aguda, com desemprego crescente, falta de ação social do governo, pane no sistema elétrico, manifestações sociais contra o regime, avanço do Movimento dos Sem Terra, perda de arrecadação. Este o cenário que promovia a ascensão da popularidade de Luiz Inácio Lula da Silva que, abandonando vários elementos mais radicais da pregação do Partido dos Trabalhadores e mantendo a aura de um candidato de origem popular, passou a ser visto como um candidato aceitável e confiável à sucessão de FHC. O então candidato Lula, derrotado anteriormente em três eleições consecutivas, parecia ser o nome forte e provável para a presidência, o que se confirmou. Seu mandato teria início em primeiro de janeiro de 2003. O país parecia mais confiante, recuperado de traumas e esperançoso.



Em 2006, o Mundial teve como sede a Alemanha. O Brasil foi eliminado do torneio nas quartas de final pela França. Cenário brasileiro: o governo Lula, iniciado em 2003, através de medidas austeras, controlou o surto inflacionário e conseguiu conquistar a confiança dos investidores estrangeiros, além de intensificar a política externa brasileira e honrar compromissos com o FMI e outros credores internacionais. Em 2005, porém, o governo Lula foi protagonista de um escândalo que virou notícia mundial, sendo acusado de subornar parlamentares, oferecendo-lhes uma quantia mensal por mês para que votassem as propostas de acordo com a vontade do governo (escândalo do *Mensalão*), provocando enorme desgaste na imagem do Partido dos Trabalhadores e um sentimento de desilusão, em especial entre os jovens brasileiros.

Em 2010, na África do Sul, a Espanha conquistou o título ao vencer a Holanda. O Brasil repetiu o resultado de 2006, sendo eliminado nas quartas de final pela seleção vice-campeã. Cenário brasileiro: Lula, no encerramento de seu segundo mandato, deixou uma taxa de desemprego que atingia seu menor índice (5,3% da população economicamente ativa, contra 10,5% em 2002). Outro dado positivo: a valorização do salário mínimo. Mesmo as reservas internacionais do país cresceram substancialmente, passando a valores aproximados de 300 bilhões de dólares. Porém, o segundo mandato de Lula (2007-2010), apesar de manter as características do primeiro (2003-2006), foi atingido pela crise devastadora que marcou a economia mundial a partir de 2008 que teve como origem o colapso do sistema financeiro nos EUA, o que gerou uma recessão internacional. Mesmo assim, o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva caminhava para o final sendo responsável, mais do que qualquer outro governo anterior, por promover a imagem internacional do Brasil, condição que pode ser bem exemplificada no campo esportivo: o direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Em 2014, novamente a Copa do Mundo de Futebol foi realizada no Brasil, entre 12 de junho e 13 de Julho. Na preparação, denúncias de superfaturamento. A vitória coube à Alemanha. O Brasil foi humilhado, sendo superado pela campeã nas semifinais por 7x1. Na disputa pelo terceiro lugar, nova humilhação: 3x0 para a Holanda. A sucessora de Lula, Dilma Rousseff, mesmo em meio à denúncia de uma série de escândalos e sem a empatia de seu mentor, preparou o país para o evento, mesmo enfrentando uma série de manifestações de rua em 2013. Na Copa, o país parecia mais um anfitrião envergonhado, oscilando entre o desejo de vitória e a incapacidade de fazê-lo por merecer. A partir de então, eclodiram novas



denúncias envolvendo o governo do Partido dos Trabalhadores e seus principais aliados, em uma conjuntura que deve ser refletida na Copa de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Necessário se faz reconhecer que o até então esporte das elites tornou-se uma poderosa expressão dos setores sociais mais empobrecidos, em uma disseminação impressionante, talvez por ser este esporte o único que inspire a possibilidade da quebra das hierarquias sociais.

É fato que a prática futebolística penetrou profundamente na vida do brasileiro, passando a fazer parte do seu cotidiano. Desta forma, entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente.

Como bem afirmou Rosanvallon (ROSANVALLON, 2010) a História não consiste somente em apreciar o peso das heranças, em esclarecer o presente a partir do passado, mas tentar reviver a sucessão de presentes, assumindo-os como experiências que informam através da análise dos conflitos e das controvérsias.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improviso. Diria anárquico. Caso sejam dispensadas as regras oficiais, joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, esburacado, íngreme. O tempo é livre; pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir, ser traída e subtraída quando o futebol é praticado por diversão. Mesmo embates entre casados e solteiros podem fazer alusão ao status: os que podem e os que não podem procriar, os providos e os desprovidos de liberdade. Da mesma forma que se há uma tendência ao iniciante de torcer para os descamisados em um jogo entre os ‘com camisa’ e os ‘sem camisa’. Mensagens sobre condição social, política e sexo. Mais: um jogo de futebol não acaba com o término, já que passa a ser discutido em seus lances (vide as mesas redondas das rádios e televisões com uma boa quantidade de discussões nas chamadas ‘mesas-redonda’). Para Chico



Buarque, no futebol os mais ricos são os donos do campo e os pobres os donos da bola; uns são equilibrados, outros equilibristas (BUARQUE, 2006, p. 54)

Enraizado profundamente entre os “cabras” brasileiros, passou a representar suas aspirações, suas dúvidas, seus caminhos e sua trajetória histórica. O perfil de participação do país nos torneios realizados a partir de 1930, insere-se em um contexto histórico, exatamente como em nossa vida individual, quando o desempenho em alguma atividade importante relaciona-se à atmosfera de equilíbrios e desequilíbrios pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ESSENCIAIS

BACZKO, Bronislaw *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BARROS, José D'Assunção . *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENJAMIN, Walter. “Brinquedos e Jogos”. In *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.

BUARQUE, Francisco. “O moleque e a bola”, em Eduardo Coelho (org.). *Donos da Bola*. RJ: Língua Geral, 2006.

BOAVENTURA, João C. *Sociologia Desportiva: o Taylorismo no futebol*. Futebol em Revista, Lisboa: Ed. Perspectivas e Realidades, s/d.

CALDAS, Walenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. SP: Ibrasa, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. Pontos e Bordados. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CUNHA, Loris B. *A verdadeira História do Futebol Brasileiro*. RJ: Editora Publicitária, 1994, p. 1.

FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FLOREAL, Sílvio. A Ronda da Meia-Noite – Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. SP: Companhia das Letras, 2007

HARDMAN, Francisco. Nem Pátria, nem Patrão. São Paulo: E-VUNESP, 2002.

KFOER, Franklin. *Com o futebol explica o mundo*. Trad. De Carlos Alberto Medeiros. RJ: Jorge Zahar, 2005.

KUPPER, Agnaldo. Sociologia: diálogos compartilhados. São Paulo: FTD, 2014.

MAZZONI, Tomás. História do futebol no Brasil. SP: Leia, 1950.



PEREIRA, Affonso de M. *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma História do Político*. Tradução de Chrstian E. Lynch. SP: Alameda, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. SP: Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

VERDÚ, Vicente. *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*. Madri: Alianza Editorial, 1980.

WISNIK, José M. *Veneno Remédio – o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

Agnaldo Kupper

Universidade Estadual Paulista – campus Unesp-Assis/SP

www.assis.unesp.br

Av. Dom Antônio, 2100, CEP 19806-900, Assis-SP/ BRASIL

Mestre na área de História e Sociedade – Unesp/Assis

Doutorando na área de Política: ações e representações – Unesp/Assis

Endereço Residencial: Av. Rio de Janeiro, 1303 – apto. 204

Londrina-PR – 86010-150

Fones (43) 3324.0142 e (43) 9991.5819

e-mail: agnaldokupper2009@hotmail.com ou agkupper@hotmail.com



XXIX DE **HISTÓRIA**
NACIONAL
SIMPÓSIO

**CONTRA OS PRECONCEITOS:
HISTÓRIA E DEMOCRACIA**